BOM DIA FURG 17.11.1992

Bom dia, Rio Grande, 17 de novembro de 1992. Ouça no Bom Dia FURG de hoje a programação do Simpósio de Biblioteconomia e Ciência da Informação para hoje e amanhã e uma entrevista sobre os 10 anos da Operação Antártica Brasileira. Estamos iniciando a edição 421 do Bom Dia FURG.

O Simpósio de Biblioteconomia e Ciência da Informação do Mercosul. O evento, junto com a 12ª Jornada Sul Rio Grande de Biblioteconomia e Documentação, tem continuidade nesta semana. Ele foi aberto no último domingo à noite pelo vice-governador João Gilberto Lucas Coelho.

Na programação de hoje consta o subtema Educação, Cultura e Política. Há informação para o cidadão comum na integração latino-americana. A responsabilidade é da Associação Rio Grandense de Biblioteconomia.

Das oito às nove horas acontecerá a conferência da professora Helen Rosados, presidente de mesa nos debates, bibliotecária Luciana Nebel e secretaria da bibliotecária Eliane Gonçalves. Das nove e quinze às doze horas e quinze minutos, haverá plenária com Tal Golim, Augusto Nunes e Ivan Nischitz. E painel das quatorze horas às dezesseis horas e trinta minutos com a presidência da bibliotecária Rita Dias.

Na quarta-feira, o subtema é Ambiente da Informação, Demandas e Disponibilidades de Informação do Mercosul, responsável Luís Augusto Lemos. A conferência das oito às nove horas de Cronin, presidente de mesa Luís Augusto Lemos, secretaria da bibliotecária Helen Rosados. Das nove horas e quinze minutos às doze horas e quinze minutos, plenária com Célia Zaer, Mabel Ocloteco, do Uruguai, presidente de mesa bibliotecária Paula Cota de Melo, secretaria da bibliotecária Eroni Xerxea.

E painel das quatorze às dezesseis horas e trinta minutos com Edemar Antonini, da Universidade Federal de Santa Catarina, com Paula Cota de Melo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Valdomiro Vergueiro, da Saiba. Tema livre e posters, dezesseis horas e trinta minutos, às dezoito horas, programação que não consta para hoje, mas existe amanhã, na programação, presidência da professora Alba Maria Dourado Correia, secretaria da professora Sila Vieira. Essa programação, portanto, para hoje e amanhã, no Simpósio de Biblioteconomia e Ciência da Informação do Mercosul.

Salientando ainda que há a programação cultural que acontece paralelamente à programação do simpósio. Esta programação cultural desta quarta-feira, dia dezoito, acontece na SAC, a partir das vinte e uma horas, com a apresentação do grupo de percussão da Universidade Federal de Santa Maria. Bem, mas o nosso assunto principal de hoje é a década, os dez anos, da Operação Antártica Brasileira, que está sendo comemorado neste mês, já que está acontecendo a décima primeira viagem do navio Barão de Tefé à Antártica.

O navio Barão de Tefé que esteve neste final de semana em Rio Grande. Está conosco no estúdio do Bom Dia FURG o jornalista Renan Carvalho Rodrigues, que é da Unidade de Comunicação Social da FURG. E o Renan acompanhou estes dez anos de ocupação brasileira na Antártica.

Bom dia, Renan. Bom dia, Rosane. Realmente, fomos testemunha popular na história desta década em que o Brasil levou avante um projeto de ocupação na Antártica.

Eu me recordo que tudo surgiu a partir de denúncias feitas por um colega nosso, um jornalista de Santa Vitória do Palmar, Pericles Azambuj. É um historiador que tomou ciência de que o Brasil poderia ficar à margem do Tratado de Washington, assinado nesta capital norte-americana em 1º de dezembro de 1959, que previa a ocupação no território antártico e que só poderiam participar do fechadíssimo clube antártico daquelas nações que se integrassem definitivamente num processo de ocupação e, obrigatoriamente, realizando pesquisas na área. Na sua opinião, por que houve a decisão final de se importar pelo continente antártico? Não só do Brasil, mas de todas as nações mais desenvolvidas.

Por que houve esse interesse repentino na Antártica? Bem, provavelmente a situação geopolítica da Antártida, dando sustentação à estratégia dos países que concluem no cone sul do continente sul-americano, Argentina, principalmente, Chile, mais acima Uruguai, depois Brasil e os demais países da América do Sul, isso deu às grandes potências da época, como a Grã-Bretanha, a França, o Japão, os Estados Unidos, a União Soviética, o interesse na ocupação do Polo Sul, que era praticamente visitado esporadicamente por alguns exploradores, vez por outra, e não havia, assim, uma ocupação efetiva dessas países nesse continente. E por que nesse continente? Porque no Polo Norte, o que acontece é que lá há um mar, uma calota polar de um mar acarpetado pelo gelo. Diferentemente do Polo Sul, onde existe um continente, existe terra, existe território, em que existe a camada glacial.

Então o interesse das nações mais desenvolvidas do mundo, evidentemente, que não só eram estratégicos, como também econômicos. Evidentemente que essa camada glacial deveria estar encobrindo riquezas incomensuradas. Evidentemente que esse interesse, Rosane, partiu interesses, que eu diria assim, conjugando interesses sócio-político-econômico.

E como é que iniciou, efetivamente, a Operação Antártica Brasileira? Como é que começou o interesse do Brasil pelo continente Antártico? Bem, o interesse do Brasil surgiu em 1975, quando o Brasil aderiu ao Projeto Antártico, ao Tratado do Antártico, e não foi permitida a sua inclusão no clube Antártico. Isso aí ele aderiu, mas era impedida a sua participação efetiva. Isso mexeu com os brilhos dos políticos do nosso país, principalmente baseando-se em documentos apresentados pelo ilustre Rio Grandino, já aparecido, o general Gobernador Couto e Silva, que, em livro publicado anos anteriores, firmava a posição do Brasil na Antártica como uma posição imperiosa dada a posição geográfica do nosso continente e dados os fatores históricos que levaram o Brasil a ser descoberto pelos nautas portuguesas.

Então havia uma conjugação de situações em que o Brasil não poderia, de forma nenhuma, ficar à margem do clube Antártico. Deveria participar. Então aderiu ao tratado em 1975 e, posteriormente, ficou numa letargia.

Terrível isso aí. E o Instituto Brasileiro de Estudos Antárticos, o INVEA, no Rio de Janeiro, que reunia militares, estudiosos, historiadores que estudiam a Antártica, apenas, raras vezes, publicava algum artigo referente à Antártica. Mas de nada efetivo era feito.

Então surge a figura aqui no sul do Brasil, que eu não deixo de ressaltar jamais, o jornalista Péricles Azambuja, que, através do Correio do Povo, em artigos publicados no Correio do Povo e no jornal Rio Grande, aqui Rio Grande, denunciava essa letargia dos brasileiros perante o problema Antártico. E isso ocasionou a inclusão na pauta do programa do Congresso Pontes de Miranda, realizado em Porto Alegre, a discussão dessa letargia brasileira perante a Antártica. E foi discutido o problema nesse Congresso e isso teve repercussão nacional.

O Itamaraty desenvolveu uma política de tentar fazer alguma coisa de positivo em relação à Antártica e surgiu a ideia de construir uma comissão, uma comissão inter-ministerial para o recurso do mar, a FIRME, sobre a presidência do ministro da Marinha e isso foi criado no Rio de Janeiro, com a participação de diversos ministérios. Em 6 de julho de 1982, a Universidade do Rio Grande recebe a visita do contra-almirante Múrcio Piraggi de Ribeira de Bacchia, que era o secretário da CIRB. Ele veio aqui e foi recebido pelo reitor professor Fernando Lopes Pedoni, que era a cabeça de ponte aqui do Rio Grande, no sentido de fazer com que a cidade do Rio Grande participasse efetivamente do projeto Antártico.

E aí começa a nossa inclusão na operação. Perfeitamente. É construída uma sede, uma estação de apoio Antártico aqui no Campos Carreiros da Universidade.

Há uma reunião importante da FIRME aqui no Campos Carreiros da FURG, em que estiveram presentes o ministro da Marinha, Maximiliano da Fonseca e a ministra da Educação na época, a professora Esther Ferraz. Então nós tivemos a presença de dois ministros do Estado que vieram para essa reunião e posteriormente inaugurar a Exantar, a estação de apoio Antártico. Ela foi inaugurada em 6 de julho de 1982 e nesse final de ano quando ela começou a dar apoio na primeira expedição Antártica ela passou a funcionar no final do ano quando se realizam as operações Antárticas.

E nesse final de ano em que está se realizando outra expedição Antártica, mais uma vez a Exantar está presente realizando aquele trabalho de apoio logístico tão importante a todo esse processo de ocupação de um território que hoje para nós está definitivamente resolvido o problema. O Brasil está na Antarctica. Nesses 10 anos a participação da Exantar vem sendo ampliada? Exatamente, de acordo com as necessidades com as circunstâncias no seu atendimento, as roupas especiais os vestimentos que lá são usados pelos pesquisadores são constantemente aprimorados os materiais os equipamentos que lá são utilizados os veículos que

demandam para Antártica também a Exantar cuida aprimora, então há um trabalho sistemático e acompanhamento logístico desse trabalho sem dúvida nenhuma devemos ressaltar o apoio que tem dado a expedição o navio oceanográfico Barão de Tefer que é sensacional esse trabalho que essa embarcação vem realizando a todos os anos a embarcação aporta aqui em Rio Grande nós queremos ressaltar também o apoio que a zona portuária de Rio Grande presta ao projeto Antártico, a própria comunidade de Rio Grande também dá apoio ao projeto Antártico a consulta de Rio Grande há uma conjugação de esforços em que a gente também não pode esquecer a imprensa de Rio Grande que sempre dá destaque procura da divulgação desse trabalho sensacional que vem sendo realizado até agora agora tu citaste anteriormente Renan que a ocupação da Antártica se deu Antártica para uns, Antártida para outros se deu principalmente por imaginar-se que lá residissem debaixo da camada glacial muitas riquezas hoje dez anos depois da nossa participação, mas vários anos estamos atrás de outras nações já dá para se dizer que era correto esse pensamento? A Antártida guarda muitas riquezas em seu solo? Olha Rosario, eu que lá estive em dezembro de 1977 estive presente na base do comandante Ferrar pisei no sol do Antártico andei por lá, vi vi coisas maravilhosas eu saí de lá com a máxima convicção de que existe minerais preciosos existe petróleo urânio, tudo isso já foi pesquisado pela Petrobras por diversos institutos de pesquisa do Brasil e de outras nações mas o tratado de Washington que é o tratado do Antártico não permite a exploração da economia daquele contexto isso existe pode ser constatado pode ser pesquisado mas não pode ser explorado então por isso que a divulgação desse assunto fica reservado a uma esfera muito restrita da área de poder então não há porque estar divulgando se existe tal quantidade de petróleo ou não, porque não vai ser explorado enquanto for mantido esse tipo de tratado agora eu não tenho dúvidas que é uma parte continental como outra qualquer com proximidade de uma pressão pressão do polo quando houve uma pressão muito grande evidentemente que a temperatura no interior dessa parte geológica deve ter consolidado materiais importantes, minerais importantes, evidentemente que pesquisadores que lá estiveram devem ter já trazido resultados positivos à questão da pergunta que eu terei Tá bom, Renan tem ideia de quantas pessoas integrantes da Universidade do Rio Grande já estiveram na Antártida visitando o continente Antártico? Não é um grupo muito grande foram poucas as pessoas que lá estiveram poucos pesquisadores eu diria assim que no máximo 15 pessoas da Universidade do Rio Grande devam ter estado na Antártida Para concluir, Renan, qual é a análise, o que se tiraria desses 10 anos de experiência da Operação Antártida? Eu como jornalista e como observador das coisas que acontecem no nosso país eu fico muito gratificado em poder dar esse tipo de depoimento de um processo que eu vi nascer e vi passados 10 anos que esse processo foi realizado dentro da maior honestidade possível, maior seriedade empenho das pessoas uma coordenação exemplar da Marinha Brasileira uma participação efetiva do Ministério do Exército através da PAB que também presta um apoio excepcional com os voos que realiza de apoio ao projeto o Ministério da Educação também, quer dizer eu acho que as coisas no Brasil também são feitas com seriedade, com honestidade de princípio e as coisas no Brasil quando feitas assim dão certo aqui no nosso país não é só desorganização só coisa de corrupção, não

existem ações políticas de governo que são efetivamente realizadas com idoneidade com seriedade e por isso trazem bons resultados me parece que esta operação esse ProAntar esse projeto Antártico Brasileiro serviria de exemplo para o país e por isso eu faço questão de ressaltar como um projeto que deu certo porque foi feito com esforço, com denodo e com organização eu diria assim está ok, muito obrigado por sua participação no Bom Dia FURG Renan Carvalho Rodrigues, jornalista da Unidade de Comunicação Social da Universidade do Rio Grande bem, com a palavra do Renan Carvalho Rodrigues estamos encerrando o Bom Dia FURG desta terça-feira estaremos de volta amanhã, até lá